

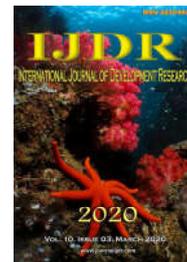


ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research
Vol. 10, Issue, 03, pp. 34756-34760, March, 2020



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

CANÇÃO POPULAR E ECOLOGIA HUMANA: REGIONALISMO E DESENVOLVIMENTO EM LUIZ GONZAGA

***Anaelson Leandro de Sousa**

Professor do Departamento de Ciências Humanas, da Universidade do Estado da Bahia-UNEB,
Campus III, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 03rd December, 2019

Received in revised form

11th January, 2020

Accepted 03rd February, 2020

Published online 31st March, 2020

Key Words:

Ecologia Humana; Desenvolvimento;
Rádio; Luiz Gonzaga.

***Corresponding author: Anaelson Leandro de Sousa**

ABSTRACT

O cantor e instrumentista brasileiro Luiz Gonzaga foi o responsável por difundir a música originária do nordeste brasileiro a partir da década de 1950. Nas canções encontramos temas sobre desenvolvimento e regionalismo. Esses temas mostram uma relação entre identidade regional e Ecologia Humana, que culminou no fortalecimento do conceito de Nordeste como região importante do Brasil. A música e o rádio foram instrumentos de comunicação que permitiram o conhecimento da cultura do Nordeste para outros lugares do país. Nas canções de Luiz Gonzaga identificamos uma relação homem/natureza de forma racional e menos subjetiva. O objetivo desta pesquisa foi localizar as canções voltadas para temas regionais. Utilizamos a teoria Ecologia Humana (ALVIN, 2008; VALERA, 2017) e a metodologia Análise de Ruído e Música como dados sociais (BAUER, 2017).

Copyright © 2020, Anaelson Leandro de Sousa. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Anaelson Leandro de Sousa. 2020. "Canção popular e ecologia humana: regionalismo e desenvolvimento em luiz gonzaga", *International Journal of Development Research*, 10, (03), 34756-34760.

INTRODUCTION

A música brasileira, conhecida hoje em todo o mundo, é marcada por seus ritmos alegres e sua fácil assimilação. Essas características foram influenciadas pelos diversos grupos étnicos que aqui chegaram trazendo consigo suas raízes musicais. A mestiçagem cultural decorrente dessas aproximações contribuiu para que nossa música se destacasse no contexto latino americano com características bem peculiares. Roberts (1982) assegura que, em relação a outros países, o Brasil apresenta uma sonoridade musical bem superior. Ele destaca que as canções brasileiras têm uma qualidade nasal proveniente de sua tradição ameríndia e que por ser menos técnica, possui um acompanhamento rítmico mais leve.

Suas melodías tienen como característica la transparencia, fluidez, sutileza, y la abundancia de acentos sincopados mismas cualidades que son inherentes a la naturaleza elitista y delicada da propia lengua portuguesa, así como la música popular y folclórica que Brasil heredó (Roberts, 1982, p. 24).

De acordo com Barros (1977) essa influência ameríndia teve uma participação menor em relação a influência afro. A tese do autor é que não houve música popular brasileira durante o período de colonização e início da monarquia, pois não havia intercâmbio direto entre negros, portugueses e ameríndios. Cada um deles produzia e consumia as suas próprias canções. Mesmo assim, ele destaca a influência da cultura afrodescendente na formação de nossa música: "É preciso que se note a permanência do elemento afro ainda hoje, já que os portugueses e indígenas se tornaram ausentes" (1977, p.48). Beltrão (2006) afirma que o desenvolvimento cultural de um povo só pode ser medido pela sua permeabilidade à inovação, pelo nível de sua sensibilidade à arte, à ciência, à moral.

O belo folclore brasileiro – a sua música, a sua dança, os seus versos, as suas lendas e crendices – aí estão como prova de que o nosso povo tem aguçada inteligência e um imemorial lastro cultural que lhe veio do conhecimento da natureza do País, pelo índio, e dos mistérios do homem, que o africano trouxe consigo da liberdade para o cativoiro (BELTRÃO, 2006, p. 48).

Indiferente sobre qual etnia contribuiu com mais ênfase para a nossa formação musical, o que sabemos é que em meados no

século XX, com a consolidação do rádio como meio de comunicação sonora e da indústria fonográfica, a música brasileira ganhou destaque e amplitude para o povo brasileiro. A produção musical deixou de ser artesanal e destinado a grupos sociais específicos, para difusão de audiências amplas. Albuquerque Júnior (2001) escreve que o rádio, no período citado, foi pensado como o veículo capaz de produzir não só uma integração do país, com o encurtamento das distâncias e diferenças entre suas regiões, mas foi capaz de produzir e divulgar a cultura brasileira. A disseminação de estações radiofônicas e a popularização das canções ocorreram justamente no momento em que o Brasil começava seu processo de industrialização. Com a urbanização das cidades muitas pessoas se deslocaram do ambiente rural para centros urbanos em desenvolvimento. Esses espaços se transformaram logo em núcleo de atividade cultural e abriram novas formas de consumo. Segundo Sevckenko (2002) “As rádios haviam descoberto uma dupla vocação: primeiro criar mitos, depois penetrar e divulgar com estardalhaço os detalhes mais palpitantes de suas vidas privadas” (p.591).

O rádio transformou a música em produto cultural de fácil assimilação identificação com o público receptor. Nesse sentido, surgiu o fenômeno que marcará de forma definitiva o sentimento de pertencimento dos espaços regionais através da música: o gênero musical “baião” do sanfoneiro Luiz Gonzaga. Para Echeverria (2006), o ritmo baião estourou no final da década de 1940, e também entrou no disputado mercado fonográfico nacional com outros gêneros musicais. “A música popular brasileira de então oscilava entre o samba-canção e os ritmos importados. E foi sacudida pela chegada do baião, brasileiro legítimo e verdadeiramente uma novidade” (2006, p.89). O ritmo criado por Luiz Gonzaga, conforme constata Albuquerque Júnior (2001), era na verdade o dedilhado da viola ou a marcação rítmica feita em seus bojos pelos cantadores de desafio entre um verso e outro, também conhecido como baiano; e começou a ser apresentado ao público do rádio em mesclas com o samba carioca e outros ritmos urbanos (p. 155). A musicalidade da região Nordeste conquistou aos poucos a atenção de outras regiões brasileiras. O pesquisador brasileiro Albuquerque Júnior (2001) ao estudar a origem do termo “nordeste brasileiro” como região simbólica, rica em bens materiais e imateriais declara que “o termo aparece sempre vinculado aos dois temas que mobilizavam as elites dessa área do país e que fizeram emergir a ideia de Nordeste: a seca e a crise da lavoura” (2003, p. 151). A região nordeste, em sua concepção, foi inventada como espaço regional fazendo surgir uma nova com outro regionalismo, assentada no discurso da tradição e numa posição nostálgica em relação ao passado.

O Nordeste nasce da construção de uma totalidade polícticocultural como reação à sensação de perda de espaços econômicos e políticos por parte dos produtores tradicionais de açúcar e algodão, dos comerciantes e intelectuais a eles ligados. Lança-se mão de topos, de símbolos, de tipos, de fatos para construir um todo que reagisse à ameaça de dissolução, numa totalidade maior, agora não dominada por eles: a nação (2001, p.67).

Ao mencionar o cantor e instrumentista Luiz Gonzaga, que também criou gênero musical denominado Baião, Albuquerque Júnior (2001) afirma que a sua musicalidade vai instituir para toda nação brasileira, além de uma escuta da região nordestina, outros aspectos como forma de cantar,

expressões linguísticas locais, forma de vestir, elementos culturais populares e, principalmente, rurais “tudo vai ‘significar’ Nordeste”. (2001, p. 155). O artista Luiz Gonzaga vai contribuir muito com suas canções para instituir a região Nordeste como espaço da saudade; um Nordeste de sentimentos que negará o lugar da escravidão do passado, do engenho, das casas grandes; mas a região que produzirá sentimento de pertencimento instituído pela saudade do lugar e outras sensações:

Saudade de migrante ou de homem de cidade, em relação a um espaço idílico onde homem e natureza ainda não se separaram; onde as relações comunitárias ainda estão preservadas, onde a ordem patriarcal ainda está garantida. Um Nordeste de hierarquias conhecidas e preservadas, mas também o Nordeste da seca, das retiradas, da súplica ao Estado e às autoridades por proteção e socorro. Um Nordeste humilde, simples, resignado, fatalista, pedinte. E, ao mesmo tempo, um Nordeste de grande ‘personalidade cultural’ (Idem, 2001, p.66).

A maior parte da região do Nordeste está situada no Semiárido brasileiro, que é descrita como “uma área de clima seco e quente com temperaturas predominantemente altas e solos pouco desenvolvidos em função das condições de escassez das chuvas, e pela ocorrência da vegetação de Caatinga” (SANTOS, 2016, p.10). Apesar de ela estar situada em maior parte em áreas de clima seco, encontramos áreas significativas com florestas tropicais, áreas próximas ao bioma Cerrado, e uma faixa litorânea com cidades de grande densidade populacional. Além dessa descrição, o contexto cultural fortalece uma identidade de valorização e apego ao lugar. Tuan (1980, p.5) chama o elo afetivo entre uma pessoa e ambiente físico de Topofilia; essa relação é difusa como conceito, “mas vívido e concreto como experiência pessoal” (1980, p.5).

Independente do grau de Topofilia, essa relação é aprofundada pelos estudos da Ecologia Humana, que é o campo que melhor trata da relação sociedade e natureza, ou melhor, entre pessoas e ambiente. Alvin (2008) define Ecologia Humana como:

Ciência que estuda os valores multidimensionais das relações humanas, individuais e coletivas dentro do contexto socioantropológico aplicados às áreas geográficas, demográficas, históricas e econômicas, num processo de interação, integração, adaptação e readaptação de suas estruturas básicas em prol de uma nova visão socioambiental que pudesse ultrapassar a tendência físico-naturalista, dando à ecologia conotações individuais, sociais, culturais e antropológicas (ALVIM, 2008 p.162-163).

De acordo com Valera (2017) o ambiente é sempre vivido por pessoas e por isso ele é sempre cultural. Não há separação entre homem e meio ambiente e ambos estão vinculados mutuamente. Para Valera a definição de Ecologia Humana é “o estudo fundado na reflexão ética, antropológica e cosmológica, que tem como objetivo definir, a nível normativo, a posição do ser humano no cosmo, isto é, a sua relação com outros seres e seus comportamentos” (VALERA, 2017, p.18). Essas definições apresentadas sobre o meio ambiente nos faz pensar que o desenvolvimento de regiões deveriam levar em conta os elementos físicos e subjetivos. As canções de Luiz Gonzaga na década de 1950 estão conectadas com os paradigmas desenvolvimentistas dominantes do

período pós-guerra. Sendo que sua produção musical estava atrelada à indústria fonográfica dominada pelos países ricos. Coutinho (2001, p.106) afirma que em meados do século XX o presidente norte-americano Harry Truman, através de um pronunciamento, deu início ao que se convencionou chamar de “Era do Desenvolvimento”, período marcado fortemente pela ideologia da modernização, especialmente no que diz respeito à difusão de valores e práticas que tornassem possível a mudança das condições sociais em países ditos periféricos, ou de Terceiro Mundo. Para Marques de Melo (2010, p.6) a relação entre Comunicação e Desenvolvimento é paradoxal, pois tanto o desenvolvimento pode alavancar os sistemas de comunicação, como também pode a comunicação ser reflexo do desenvolvimento. Durante muito tempo esse binômio foi pensado assimetricamente, suscitando controvérsias. A certeza instituída era a de que a mídia só prosperava onde existesse desenvolvimento.

Para o autor os principais expoentes dessa nova sub-área de pesquisas em comunicação foram: Daniel Lerner e Wilbur Schramm. Para Marques de Melo (2011) Schramm formulou a estratégia da “comunicação para o desenvolvimento”, que foi adotada pela UNESCO tendo como principal hipótese testada a de converter a mídia em agência de educação a distância. “Nessa equação, cabia ao desenvolvimento dos meios de comunicação o papel de acelerador do desenvolvimento sócio-econômico, “queimando etapas” no processo de socialização cultural” (2001, p.52). Marques de Melo em trabalho publicado na década de 1970 considerou que a teoria de Robert Lerner era completa e globalizante por assumir concomitantemente características macro e micro-analíticas, ou melhor, a teoria não só considera o indivíduo isolado, mas a estrutura social vinculada a ele. Lerner define a modernização como um processo sequenciado de mudanças na estrutura de uma sociedade, e são constituídas pelas seguintes fases: urbanização, alfabetização, exposição aos meios de comunicação e participação. Estas etapas correspondem ao nível macro-analítico. O modelo de Lerner possibilitava na época a realização de uma micro-análise a partir do comportamento dos indivíduos isoladamente dentro no processo geral de mudanças na sociedade. Essa segunda análise considerava as variáveis sócio-psicológicas, para cuja ativação a “empatia” desempenhava papel decisivo. A empatia era o elo de ligação entre a macro-estrutura (sociedade) e micro-estrutura (indivíduo) na medida que seria também o elemento gerador da participação. Esse fenômeno empático foi visto por Lerner ora como causa da urbanização, alfabetização, exposição aos meios de comunicação de massa, ora como efeito desse conjunto de fatores. O auge do processo modernizante é a “participação” e suas variadas modalidades: participação política, participação econômica, participação psicológica e participação comunicacional (MARQUES DE MELO, 1976, p.27).

A consolidação do rádio e o surgimento da televisão no Brasil, na década de 1950, coincidiram com a preocupação da UNESCO de acelerar o desenvolvimento de países periféricos usando os meios de comunicação como metodologia principal. Coutinho confirma a importância que o rádio no Brasil teve como instrumento de desenvolvimento. “Podemos localizar a emergência dos estudos de Comunicação e Desenvolvimento no período de consolidação dos meios audiovisuais, rádio e televisão. No que diz respeito ao rádio o desenvolvimento do veículo marcava o seu período de ouro” (2001, p.106). O objetivo deste trabalho é identificar nas músicas de Luiz

Gonzaga, não somente no gênero baião, apontamentos sobre Ecologia Humana e desenvolvimento na região Nordeste. Nosso recorte levará em conta as canções que abordam ambientes físicos e práticas humanas da região nordestina.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia empregada neste trabalho será a Análise de ruído e música como dado social, de Martin Bauer (2017), através de enfoques que podemos identificar indicadores culturais a partir da música e do ruído produzidos e difundidos, principalmente em meios comunicacionais. Assim como nos postulados metodológicos de Bauer (2017) entendemos a obra musical de Luiz Gonzaga como um evento necessariamente temporal e que conserva seu registro em variados suportes. O corpus da pesquisa foi composto a partir do acervo musical disponibilizado nos sites: Memorial Luiz Gonzaga (<http://www.recife.pe.gov.br/mlg/gui/Index.php>) e site do Instituto Memória Musical Brasileira (<http://immub.org>). Bauer ainda menciona que é importante explorar novos espaços, e que a predominância de dados verbais nas ciências sociais como o som e a música ainda são recursos sub-explorados para a pesquisa social. A expansão atual e o poder emocional dos sons, e da música como um meio de representação simbólica são fontes úteis de dados sociais.

RESULTADO

A partir de nossa proposta metodológica apresentamos a seguir o recorte das músicas de Luiz Gonzaga que versam sobre Ecologia Humana e Desenvolvimento. Priorizamos a produção das primeiras décadas do cantor e instrumentista por ser uma fase importante de sua carreira e também como momento histórico fundamental para o crescimento da região Nordeste. O que predominou nas músicas selecionadas foi o tema urbanização. Na relação entre homem e natureza a Ecologia Humana que se estabelece desde os primórdios são as construções: o domínio do homem sobre o ambiente físico. A música Paulo Afonso (1955) louva a ideia predominante da época de que o desenvolvimento ocorre pela indústria e expansão da eletricidade, gerada pela Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso. Ocorreu uma grande obra de engenharia na região Nordeste com a construção de usinas, barragens e até modificação do curso do rio São Francisco (10º maior rio do mundo em extensão). Também há uma ideia da construção da hidrelétrica como salvação da região Nordeste e diminuição do impacto das secas e diminuição da pobreza. Essa forma de desenvolvimento são pertinentes com os fatores apresentados por Lerner, no tipo macro-análise, que reflete bem sobre o processo de modernização das sociedades tradicionais. Essa reflexão é concretizada no refrão da canção que canta “o Brasil vai” como forma de mostrar que essa nação está em fase de crescimento e desenvolvimento; “vai, vai, vai, vai...” é colocada na canção como uma referência a cachoeira do rio São Francisco, e tem sentido de onomatopeia, ou seja, é uma figura de linguagem que consiste no uso de palavras que imitam sons ou ruídos. A cachoeira é quem diz: o Brasil vai, vai, vai, vai, vai, vai. Em Sertão Sofredor (1958), há uma abordagem diferente da canção Paulo Afonso, mostrando que no desenvolvimento do Nordeste é preciso a intervenção governamental e que não há progresso sem fábricas e indústrias. A crítica toma o lugar da louvação e mostra que o Nordeste não tem como crescer, o que de maneira indireta pode sugerir a inserção de políticas públicas para que ocorra o crescimento.

Tabela 1. Canções de Luiz Gonzaga (1950)

Canção	Autoria	Ano	Letra
Paulo Afonso	Zé Dantas e Luiz Gonzaga	1955	(...) Olhando pra Paulo Afonso eu louvo nosso engenheiro/ Louvo o nosso cassaco, Caboclo bom verdadeiro/ Oi! Vejo o Nordeste erguendo a bandeira/ De Ordem e Progresso, a nação brasileira/ Vejo a indústria gerando riqueza, findando a seca/ Salvando a pobreza Ouço a usina feliz mensageira dizendo na força da cachoeira: O Brasil vai, o Brasil vai O Brasil vai, o Brasil vai Vai, vai, vai, vai, vai, vai A Feira de Caruaru faz gosto a gente vê. De tudo que há no mundo, nela tem pra vendê, Na feira de Caruaru: (...) Tem loiça, tem ferro véio, sorvete de raspa que faz jáú/ Gelada, cardo de cana, fruta de paima e mandacaru. Bunecos de Vitalino que são conhecidos intê no Sul/ De tudo que há no mundo, tem na Feira de Caruaru.
A feira de Caruaru	Onildo Almeida	1957	(...) Tem loiça, tem ferro véio, sorvete de raspa que faz jáú/ Gelada, cardo de cana, fruta de paima e mandacaru. Bunecos de Vitalino que são conhecidos intê no Sul/ De tudo que há no mundo, tem na Feira de Caruaru.
Sertão sofredor	Joaquim	1958	(...) Cadê as fábrica? Cadê as indústria? Cadê as coisa boa anunciada pro Nordeste? (...) Quero falar do meu sertão/ Meu sertãozinho desprezado como o quê/ Peço a atenção de toda gente Prá minha terra, terra do meu bem querer Matéria-prima tudo temos de primeira, sim/ Valor humano, gente honesta e ordeira também/ O que nos falta então é uma ajuda leal/ Do grande chefe do governo Federal/ Pois é...

Fonte: o autor

A feira de Caruaru enaltece a base comercial da cultura popular com diversidade de produtos de subsistência e artesanais da região Nordeste. Usando a mesma linguagem que é falada pela população rural. Nessa linguagem rudimentar a canção mantém “loiça” em vez de louça; “cardo” em vez de caldo; “bunecos” em vez de bonecos. Este último é uma forma arte figurativa feira com argila, um artesanato endêmica produzida inicialmente pelo Mestre Vitalino e encontrado no lugar conhecido por Alto do Moura, próximo à cidade de Caruaru. A feira tem um significado importante na identidade nordestina brasileira por ser lugar de interações e práticas culturais; lugar de lazer, de compra e venda onde há o intercâmbio de mercadorias e simbologias.

DISCUSSÃO

A Música como dado social é um método que nos possibilitou realizar conexões que antes não estava em primeiro plano. O discurso apresentados nas canções recortadas para este trabalho nos mostra o quanto elas são importantes para a compreensão de um período histórico. A importância de Luiz Gonzaga para a construção de uma região que antes estava relegada ao abandono, é reconhecida por sua vitalidade social, seu potencial econômico e sua força política. A musicalidade de Luiz Gonzaga é uma dado social que remete a construção de identidade de uma região de dimensão continental, que entra em disputa com a cultura de outras regiões, mas que é responsável também pela consolidação do Brasil como Estado nacional. O rádio e a música, de certa forma, interferiram na configuração de um Ecologia Humana que foi e continua sendo modificada diante da identidade região brasileira.

Agradecimentos

Agradeço a jornalista Tamires de Lima Sousa Santos pelo apoio na pesquisa musical, e a Rede de Pesquisadores em

Folkcomunicação por selecionar a primeira versão deste trabalho para apresentação oral em seu evento.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, DM 2003. *Nordestino uma invenção do falo: Uma história do gênero masculino (Nordeste - 1920/1940)*. Edições Catavento, Maceió, Brasil.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, DM. 2001. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Cortez, São Paulo, Brasil.
- ALVIM, R. G. 2008. *Ecologia Multidisciplinar – visão ética e social da problemática ambiental*. Revista Kuawāii. Upta. nº 2. V. 1. p.161-174. Jul-dez.
- BARROS, S 1977. *Arte, folclore, subdesenvolvimento*. 2.ed. Civilização Brasileira, INL, Rio de Janeiro, Brasília, Brasil.
- BAUER, MW. 2017. *Análise de ruído e música como dados sociais*. In: BAUER M; GASKELL, G. (Org.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático*. Vozes, Petrópolis, Brasil.
- BELTRÃO L. 2006 *A comunicação no processo de desenvolvimento*. In: Anuário Unesco/MCR, Ano 10, nº 10, Jan-Dez. São Bernardo do Campo/Brasil. pp.35-48.
- COUTINHO, IMS. 2001 *O campo da Comunicação - Sub área Comunicação e Desenvolvimento*. Eptic On-Line (UFS), v. III, n.1, Jul/Ago, p. 104-112, Brasil. Disponível online <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/issue/view/29>.
- ECHEVERRIA, R. 2006. *Gonzaguinha e Gonzagão: uma história brasileira*. Ediouro, São Paulo, Brasil.
- MARQUES DE MELO J. 1976. *Subdesenvolvimento, urbanização e modernização*. Estudos Brasileiros. Vozes, Petrópolis, Brasil.
- MARQUES DE MELO, J. 2010. *Falta uma pesquisa em Comunicação genuinamente brasileira*. Brasília, Desafios

- do desenvolvimento, IPEA, Out/nov, 2010, ano 7, nº 63 .
Entrevista a Bruno de Vizia.
- ROBERTS, J.S 1982. El toque latino. Trad. Aurora Merino.
Adamex, DF, México
- SANTOS, C.A.B. 2016. Apresentação. In: SANTOS Carlos
Alberto B. Dos; NOGUEIRA, Eliane Maria de Souza;
ANDRADE, Maria José Gomes de; ANDRADE,
Wbaneide Martins de, (Org). Os saberes populares no viés
da Ecologia Humana. Sabeh, Paulo Afonso, Brasil.
- SEVCENKO, N. 2002. História da vida privada no Brasil 3.
Companhia das Letras, São Paulo, Brasil.
- TUAN, Y. 1980. Topofilia – um estudo da Percepção, Atitudes
e valores do Meio Ambiente. Difel, São Paulo, Brasil.
- VALERA, L. 2017. La necesaria presencia del ser humano en
una verdadera perspectiva ecológica: bases antropológicas
para una Ecología Humana. In: ALVIM, R. G;
MARQUES, J (Org.). As Raízes da Ecologia Humana.
Sabeh, Paulo Afonso, Brasil.
